

# EUA decidem retomar sanções após chavismo tornar opositores inelegíveis

— Governo americano vinha flexibilizando relações com chavismo em busca de eleições democráticas, maior acesso ao petróleo venezuelano e cooperação para conter migração

## WASHINGTON

Os EUA anunciaram ontem que retomarão as sanções ao setor de petróleo e gás da Venezuela, depois que o Tribunal Supremo de Justiça (TSJ) manteve a inabilitação política da deputada María Corina Machado e do também opositor Henrique Capriles. Segundo o porta-voz do Departamento de Estado, Matthew Miller, as restrições voltarão a partir de abril.

Para o governo americano, o restabelecimento das sanções é consequência da falta de avanços nas negociações entre a Plataforma Unitária, de oposição, e o chavismo, que não permitirá que todos os candidatos presidenciais concorram nas eleições deste ano.

A Venezuela chamou a decisão americana de chantagem grosseira e indevida. A vice-presidente Delcy Rodríguez prometeu retaliar. "Se os americanos derem esse passo em falso, a partir de 13 de fevereiro vamos cancelar a repatriação de migrantes venezuelanos e revisaremos qualquer mecanismo de cooperação existente", disse.

**RESISTÊNCIA.** Na segunda-feira, Corina Machado descartou a possibilidade de desistir de sua candidatura, apesar da sentença do TSJ. "Maduro não escolherá o candidato do povo, porque o povo já escolheu seu candidato", disse Corina, que

teve seus direitos políticos suspensos por 15 anos e classificou a decisão como "grotesca".

Em outubro, a Noruega mediou um diálogo entre chavismo e oposição, com participação de México, EUA, Holanda, Rússia e Colômbia. Os acordos de Barbados previam troca de prisioneiros, alívio das sanções, eleições transparentes com participação dos principais nomes da oposição venezuelana.

**CONSPIRAÇÃO.** Além da inabilitação de candidatos opositores, os EUA questionam a prisão de 36 pessoas, na semana passada, acusadas de envolvimento em cinco "conspirações" para assassinar Maduro. Entre os presos, há três assessores de Corina Machado. "As ações de Maduro, incluindo a prisão de membros da oposição democrática e a proibição de candidatos, são inconsistentes com os acordos firmados em Barbados", afirmou Miller.

Segundo o Departamento de Estado dos EUA, o acordo de Barbados continua a ser o mecanismo mais viável para resolver a crise política, econômica e humanitária da Venezuela e realizar eleições competitivas e inclusivas, segundo Miller.

"Isso exige que Maduro e seus representantes respeitem os princípios e garantam que os atores políticos da oposição tenham o direito de esco-



María Corina Machado durante discurso em Caracas: promessa de manter candidatura presidencial

**"Maduro não escolherá o candidato do povo, porque o povo já escolheu seu candidato"**

**María Corina Machado**  
Líder da oposição, que teve seus direitos políticos cassados por 15 anos

lher livremente seus candidatos nas eleições presidenciais", concluiu o porta-voz do Departamento de Estado dos EUA.

**DESVANTAGENS.** A volta das sanções é um baque para o setor de petróleo da Venezuela, que sofre com o sucateamento da estatal PDVSA, devido a má administração e casos de corrupção. A capacidade de produção caiu de 3,4 milhões de barris diários para apenas 700 mil.

A redução da oferta provocada pela guerra na Ucrânia fez

com que EUA e União Europeia voltassem a procurar os chavistas para negócios, mas gestão errática da PDVSA prejudicou a negociação.

No entanto, o rompimento do acordo de Barbados também atrapalha os planos do presidente dos EUA, Joe Biden, já que parte da reaproximação entre os dois países tinha como objetivo, segundo analistas, diminuir a imigração ilegal de venezuelanos para a fronteira sul dos EUA, um ponto fraco na campanha de reeleição do presidente americano. ● AFP

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Estado de S. Paulo

Seção: Internacional Caderno: A Pagina: 12